

Anunciara-se Tadeu de Albuquerque na portaria de Monchique, ao dia seguinte dos anteriores sucessos. Sua prima, primeira senhora que lhe saiu ao locutório, vinha enxugando as lágrimas de alegria.

– Não cuide que eu choro de aflita, meu primo – disse ela. – O nosso anjo, se Deus quiser, pode salvar-se. Logo de manhã a vi passear por seu pé nos dormitórios. Que diferença de semblante ela tem hoje! Isto, meu primo, é milagre das duas santas que temos inteiras na clausura, e com as quais algumas perfeitas criaturas desta casa se apegaram. Se as melhoras continuarem assim, temos Teresa; o Céu consente que esteja entre nós aquele anjo mais alguns anos...

– Muito folgo com o que me diz, minha boa prima – atalhou o fidalgo. – A minha resolução é levá-la já para Viseu, e lá se restabelecerá com os ares pátrios, que são muito mais sadios que os do Porto.

– É ainda cedo para tão longa e custosa jornada, meu primo. Não vá o senhor cuidar que ela está capaz de se meter a caminho. Lembre-se que ainda ontem pensámos em encontrá-la hoje morta. Deixe-a estar mais alguns meses; e depois não digo que a não leve; mas, por enquanto, não consinto semelhante imprudência.

– Maior imprudência – replicou o velho – é conservá-la no Porto, onde, a estas horas, deve estar o malvado matador de meu sobrinho. Talvez não saiba a prima?... Pois é verdade; o patife do corregedor saiu a campo em defesa dele, e conseguiu que o tribunal da Relação lhe aceitasse a apelação da sentença, passado o prazo da lei; e, não contente com isto, fez que o filho fosse removido para as cadeias do Porto. Eu agora trabalho para que a sentença seja confirmada, e espero consegui-lo; mas, enquanto o assassino aqui estiver, não quero que a minha filha esteja no Porto.

– O primo é pai, e eu sou apenas uma parenta – disse a abadessa –; cumpra-se a sua vontade. Quer ver a menina, não é assim?

– Quero, se é possível.

– Pois bem, enquanto eu vou chamá-la, queira entrar na primeira grade à sua mão direita, que Teresa lá vai ter.

Avisada Teresa de que seu pai a esperava, instantaneamente a cor sadia, que alegrava as senhoras religiosas, se demudou na lividez costumada. Quis a tia, vendo-a assim, que ela não saísse do seu quarto, e encarregava-se de espaçar a visita do pai.

– Tem de ser – disse Teresa. – Eu vou, minha tia.

O pai, ao vê-la, estremeceu e enfiou. Esperava mudança, mas não tamanha. Pensou que a não conheceria sem o prevenirem de que ia ver sua filha.

– Como eu te encontro, Teresa! – exclamou ele, comovido. – Porque não me disseste há mais tempo o teu estado?

Teresa sorriu, e disse:

– Eu não estou tão mal como as minhas amigas imaginam.

– Terás tu forças para ires comigo para Viseu?

– Não, meu pai; não tenho mesmo forças para lhe dizer em poucas palavras que não torno a Viseu.

– Porque não, se a tua saúde depender disso?!...

– A minha saúde depende do contrário. Aqui viverei e morrerei.

– Não é tanto assim, Teresa – replicou Tadeu com dissimulada brandura. – Se eu entender que estes ares são nocivos à tua saúde, hás-de ir, porque é obrigação minha conduzir e corrigir a tua má sina.

Amor de Perdição – Camilo Castelo Branco

- Está corrigida, meu pai. A morte emenda todos os erros da vida.
- Bem sei; mas eu quero-te viva, e, portanto, recobra forças para o caminho. Logo que tiveres meio dia de jornada, verás como a saúde volta como por milagre.
- Não vou, meu pai.
- Não vais?! – exclamou irritado o velho, lançando às grades as mãos trementes de ira.
- Separam-nos estes ferros a que meu pai se encosta e para sempre nos separam.
- E as leis? Cuidas tu que eu não tenho direitos legítimos para te obrigar a sair do convento? Não sabes que tens apenas dezoito anos?
- Sei que tenho dezoito anos; as leis não sei quais são, nem me incomoda a minha ignorância. Se pode ser que mão violenta venha arrancar-me daqui, convença-se, meu pai, de que essa mão há-de encontrar um cadáver. Depois... o que quiserem de mim. Enquanto, porém, eu puder dizer que não vou, juro-lhe que não vou, meu pai.
- Sei o que é! – bramiu o velho. – Já sabes que o assassino está no Porto?
- Sei, sim, senhor.
- Ainda o dizes sem vergonha, nem horror de ti mesma!
- Ainda...
- Meu pai – interrompeu Teresa – não posso continuar a ouvi-lo, porque me sinto mal. Dê-me licença... e vingue-se como puder. A minha glória neste longo martírio seria uma força levantada ao lado da do assassino.
- Teresa saiu da grade, deu alguns passos na direcção da sua cela, e enconstou-se esvaída à parede. Correram a ampará-la sua tia e a criada, mas ela, afastando-as suavemente de si, murmurou:
 - Não é preciso... Estou boa... Estes golpes dão vida, minha tia.
- E caminhou sozinha a passos vacilantes.
- Tadeu batia à porta do mosteiro com irrisório enfurecimento pancadas, umas após outras, com grande medo da porteira e outras madres, espantadas do insólito despropósito.
 - Que é isso, primo? – disse a prelada com severidade.
 - Quero cá fora Teresa.
 - Como fora? Quem há-de lançá-la fora?!
 - A senhora, que não pode aqui reter uma filha contra a vontade de seu pai.
 - Isso assim é; mas tenha prudência, primo.
 - Não há prudência nem meia prudência. Quero minha filha cá fora.
 - Pois ela não quer ir?
 - Não, senhora.
 - Então, espere que por bons modos a convençamos a sair, porque não havemos de trazer-lha a rastos.
 - Eu vou buscá-la, sendo preciso – redarguiu em crescente fúria. – Abram-me estas portas, que eu a trarei!
 - Estas portas não se abrem assim, meu primo, sem licença superior. A regra do mosteiro não pode ser quebrantada para servir uma paixão desordenada. Tranquelize-se senhor! Vá descansar desse frenesi, e venha noutra hora combinar comigo o que for digno de todos nós.
 - Tenho entendido! – exclamou o velho, gesticulando contra o ralo do locutório.
 - Conspiram todas contra mim! Ora descansem, que eu lhes darei uma boa lição. Fique a senhora abadessa sabendo que eu não quero que a minha filha receba mais cartas do matador, percebeu?
 - Eu creio que Teresa nunca recebeu cartas de matadores, nem suponho que as receba de ora em diante.
 - Não sei se sabe, nem se não. Eu vigiarei o convento. A criada, que está com ela, ponham-na fora, percebeu?

Amor de Perdição – Camilo Castelo Branco

– Porquê? – redarguiu a prelada com enfado.
– Porque a encarreguei de me avisar de tudo, e ela nada me tem contado.
– Se não tinha que lhe dizer, senhor!
– Não me conte histórias, prima! A criada quero vê-la sair do convento e já!
– Eu não lhe posso fazer a vontade, porque não faço injustiças. Se vossa senhoria quiser que sua filha tenha outra criada, mande-- lha; mas a que ela tem, logo que deixe de a servir, há muitas senhoras nesta casa que a desejam, e ela mesma deseja aqui ficar.

– Tenho entendido – bradou ele – querem-me matar! Pois não matam; primeiro há-de o Diabo dar um estoiro!

Tadeu de Albuquerque saiu em corcovos do átrio do mosteiro. Era hedionda aquela raiva que lhe contraía as faces encorreadas, revendo suor e sangue aos olhos acovados. Apresentou-se ao intendente da polícia, pedindo providências para que se lhe entregasse sua filha. O intendente respondeu que ele não solicitava competentemente tais providências. Instou para que o carcereiro da cadeia não deixasse sair alguma carta de um assassino, vindo da comarca de Viseu, por nome Simão Botelho. O intendente disse que não podia, sem motivos concernentes a devassas, obstar a que o preso escrevesse a quem quer que fosse.

Reduplicada a fúria, foi dali ao corregedor do Porto, com os mesmos requerimentos, em tom arrogante. O corregedor, particular amigo de Domingos Botelho, despediu com enfado o importuno, dizendo-lhe que a velhice sem juízo era causa tão de riso como de lástima. Esteve então a pique de perder-se a cabeça de Tadeu de Albuquerque. Andava e desandava as ruas do Porto, sem atinar com uma saída digna da sua prosápia e vingança. No dia seguinte, bateu à porta de alguns desembargadores e achava-os mais inclinados à clemência que à justiça a respeito de Simão Botelho. Um deles, amigo de infância de D. Rita Preciosa, e implorado por ela, falou assim ao sanhudo fidalgo:

– Em pouco está o ser homicida, senhor Albuquerque. Quantas mortes teria vossa senhoria hoje feito se alguns adversários se opusessem à sua cólera? Esse infeliz moço, contra quem o senhor solicita desvairadas violências, conserva a honra na altura da sua imensa desgraça. Abandonou-o o pai, deixando-o condenar à forca; e ele da sua extrema degradação nunca fez sair um grito suplicante de misericórdia. Um estranho lhe esmolou a subsistência de oito meses de cárcere, e ele aceitou a esmola, que era honra para si e para quem lha dava. Hoje, fui eu ver esse desgraçado filho de uma senhora que eu conheci no paço, sentada ao lado dos reis. Achei-o vestido de baetão e pano pedrês. Perguntei-lhe se assim estava desprovido de fato. Respondeu-me que se vestira à proporção dos seus meios, e que devia à caridade dum ferrador aquelas calças e jaqueta. Repliquei-lhe eu que escrevesse a seu pai para o vestir decentemente. Disse-me que não pedia nada a quem consentiu que os delitos de seu coração e da sua dignidade e do pondunor do seu nome fossem expiados num patíbulo. Há grandeza neste homem de dezoito anos, senhor Albuquerque. Se vossa senhoria tivesse consentido que sua filha amasse Simão Botelho Castelo Branco, teria poupado a vida ao homem sem honra que se lhe atravessou com insultos e ofensas corporais de tal afronta, que desonrado ficaria Simão se as não repelisse como homem de alma e brios. Se vossa senhoria se não tivesse oposto às honestíssimas e inocentes afeições de sua filha, a justiça não teria mandado arvorar uma forca, nem a vida de seu sobrinho teria sido imolada aos seus caprichos de mau pai. E, se sua filha casasse com o filho do corregedor de Viseu, pensa acaso vossa senhoria que os seus braços sofriam desdouro? Não sei de que século data a nobreza do senhor Tadeu de Albuquerque, mas no brasão de D. Rita Teresa Margarida Preciosa Caldeirão Castelo Branco posso dar-lhe informações sobre as páginas das mais verídicas e ilustres genealogias do Reino. Por parte de seu pai, Simão Botelho tem do melhor sangue de

Amor de Perdição – Camilo Castelo Branco

Trás-os-Montes, e não se temerá de entrar em competências com o dos Albuquerque de Viseu, que não é decerto o dos *Albuquerque terríveis* de que reza Luís de Camões...

Ofendido até ao âmago pela derradeira ironia, Tadeu ergueu-se de ímpeto, tomou o chapéu e a enorme bengala de castão de ouro e fez a cortesia de despedida.

– São amargas as verdades, não é assim? – disse-lhe, sorrindo, o desembargador Mourão Mosqueira.

– Vossa excelência lá sabe o que diz, e eu cá sei no que hei-de ficar – respondeu com tom irónico o fidalgo, alanceado na sua honra e na dos seus quinze avós.

O desembargador retorquiu:

– Fique no que quiser; mas vá na certeza, se isso lhe serve de alguma coisa, que Simão Botelho não vai à força.

– Veremos... – resmoneou o velho.